

Fascismo. Um risco real para o mundo de hoje?

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

“O espectro do fascismo ronda a Europa”. Uma leitura da realidade europeia de hoje a partir da mídia escrita e televisiva mundiais poderia facilmente levar a essa impressão. Reportagens sobre agressões a imigrantes e outras minorias nas ruas de Berlim ou Paris, filmes e documentários sobre os neonazistas (normalmente com ênfase nas mensagens de ódio, na violência e na estética fascista) e outros meios midiáticos são realmente comuns e poderiam levar à conclusão de que o fascismo pode estar voltando à cena na Europa e no mundo. A atual crise econômica europeia e as menções a grupos como o “Aurora Dourada” grego têm apenas reforçado essa impressão geral.

Na Europa (e no conjunto do mundo ocidental), existe hoje, com certeza, uma cultura originária do fascismo clássico, aqueles dos anos 1920 e 1930, e que se conecta diretamente a este, na simbologia, nos apelos históricos, etc. No entanto, os grupos de extrema-direita são pouco relevantes em termos políticos e sua influência nas sociedades europeias e ocidentais é muito limitada.

O fascismo, na sua versão clássica dos anos 30 – recusa do sistema liberal democrático em favor de uma ditadura corporativa e de partido único, práticas sistemáticas de repressão (ou mesmo extermínio) às minorias e dissidentes, anticomunismo e mobilização das massas ao redor de um partido, uma

ideologia e um líder – é um fantasma que não ameaça mais a Europa e nem o mundo. Encontrar os neonazistas nas ruas ou nas redes sociais é algo desagradável e até perigoso, mas não creio que, em termos práticos, eles tenham chance de influenciar novamente os destinos do mundo ocidental.

Dizer que o fascismo não é mais um risco para a democracia ocidental, contudo, não significa dizer que os elementos da cultura da direita que o formataram tenham desaparecido. Uma nova combinação desses elementos no modelo clássico é improvável, mas eles podem ser recuperados em um novo formato e/ou influenciarem o Estado e os governantes no poder sem necessariamente convertê-los em fascistas.

Podemos perceber essa recombinação de elementos no cenário atual. A democracia representativa se torna cada vez mais uma estrutura dominada pelo poder do dinheiro e pela mídia, como indicam os casos de Berlusconi na Itália ou o escândalo de escutas telefônicas na Grã-Bretanha. A liberdade de expressão, nesse contexto, tem sido questionada – de forma sutil e indireta, na maior parte das vezes – em países como a Rússia, a Hungria e outros. Ao mesmo tempo, impossível não recordar que a própria democracia, quando não atinge os resultados esperados pelo “sistema”, pode ser suspensa ao menos

na prática, como ocorreu, por exemplo, no recente ciclo eleitoral grego.

Já sobre o poder do dinheiro nas democracias modernas, basta recordar como os mercados financeiros conseguiram, mesmo tendo sido os causadores da atual crise, socializar os prejuízos para o resto da sociedade, através da manipulação da opinião pública e de uma relação quase incestuosa com os políticos e o poder público. A democracia ocidental já era assim desde o século XX ou mesmo do XIX, mas, no mundo contemporâneo, a sua relação com a mídia e o dinheiro se tornou ainda mais simbiótica. O sistema democrático contemporâneo, assim, não está sendo questionado, mas sua modificação interna já se deu e numa direção longe da verdadeira democracia.

No tocante ao racismo e a xenofobia, eles sempre existiram na Europa, mas cada vez mais eles se tornam instrumentos políticos, para mobilizar as pessoas em direção ao medo e à desconfiança. Ao invés do ódio ao judeu ou ao comunismo, temos agora um similar, dirigido ao Islã e aos estrangeiros em geral. O instrumento de explorar o ódio ao outro como forma de angariar poder político, contudo, é o mesmo no entre guerras e hoje e momentos de crise são especialmente férteis para a exploração desse sentimento.

Já nos Estados Unidos, temos o fenômeno do *Tea Party*, que não é conceitualmente fascista, mas que utiliza os instrumentos do medo e do ódio de uma forma que se aproxima do fascismo. Seus alvos não são iguais - o Estado, os impostos, a esquerda, os diferentes e, na verdade, quase tudo - e sua origem não é o fascismo clássico, mas as aproximações são impressionantes. Do mesmo modo, em vários países europeus, ressurgiu uma

direita populista, a qual consegue ainda mais força capitalizando a crise atual.

Vale a pena recordar, aqui, o recente livro de William Dobson (2012), o qual analisa a capacidade adaptativa de vários regimes no poder ao mundo de hoje. Ao mesmo tempo em que algumas ditaduras “velho estilo” continuam a existir, como na Coréia do Norte, outros regimes conseguem manter uma fachada democrática e utilizar outros instrumentos - controle da imprensa, do judiciário, repressão seletiva à oposição, etc. - para manter-se no poder sem que a comunidade internacional possa acusá-los abertamente de antidemocráticos.

Claro que o problema aqui é definir até onde se pode ir sem que a democracia possa ser considerada realmente ameaçada. Chávez ou Putin estão utilizando certos instrumentos de poder para continuarem no cargo, mas isso significa que eles romperam a fronteira da democracia ou não? E o Egito atual, é mera reciclagem do antigo sistema de Mubarak ou democrático? Questão complicada, pois depende de definições conceituais e de posicionamento político. O importante a reter é que os sistemas políticos - e as pessoas que os encarnam - não são estáticos e não só aprendem com os erros e acertos dos outros como se adaptam aquilo que é aceitável ou não, em termos de opinião pública, num dado momento histórico. Nem todos, com certeza, o fazem, mas nem ditaduras nem democracias são estáticas por definição.

Os regimes fascistas não seriam diferentes e basta recordar o caso de Salazar e, especialmente, de Franco. Até a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, o regime salazarista português era claramente conservador, mas tinha uma ala que se aproximava da extrema-direita. No franquismo, essa ala era

ainda mais forte e, por certo momento, quase conseguiu converter a Espanha num Estado fascista. Depois de 1945, contudo, isso não era mais aceitável e eles rapidamente se converteram em regimes de direita conservadora anticomunista mais ou menos clássicos, se incorporando ao campo dos Estados Unidos na Guerra Fria e sobrevivendo até os anos 1970.

Os movimentos e grupos da direita de hoje também estão sobrevivendo e se adaptando e, com a exceção dos nostálgicos que ainda insistem na versão original dos anos 1930, os novos fascistas (neofascistas, pós-fascistas ou como se queira chamar) se adaptaram ao mundo contemporâneo e é com esses que devemos nos preocupar centralmente. Um novo Hitler é impossível, mas um disfarçado de democrata, midiático e que aproveite a

crise do sistema para subverter, na prática, a democracia, é algo mais do que possível, senão provável.

Em resumo, os riscos de fascismo, no sentido clássico do termo, no mundo atual são limitados, mas a cultura que lhe deu origem continua viva e atuante no Ocidente e pode reaparecer seja em novos formatos, seja influenciando os que estão no poder. Temer que o fascismo como o recordamos dos anos 1930 possa voltar ao poder não é uma atitude realista, mas esquecer de que seus remanescentes e elementos continuam vivos seria ainda menos realista, e até perigoso.

Referências

DOBSON, Willian. *Dictators learning curve. Inside the Global Battle for democracy*. New York: Doubleday, 2012.



* **JOÃO FÁBIO BERTONHA** é Doutor em História Social/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com Pós-doutorados na Università di Roma (La Sapienza) e na USP. Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá/PR (Brasil) e pesquisador do CNPq. Autor de vasta obra, incluindo mais de uma dezena de livros, no campo dos estudos do fascismo, relações internacionais, defesa, imigrações, história da Itália e dos EUA.